

RECADOS DA ALMA¹

Rachel Rangel Bastos²

Em meio a leituras e consultas sobre o tema análise terminável e interminável, encontrei-me com textos bastante interessantes. Mas foi em um trabalho de Pierre Fédida, o mote para continuar minhas investigações a esse respeito. A *Psicanálise e Seus Fins* é o título do ensaio citado, cuja publicação ocorreu em 1988 no livro “Clínica Psicanalítica”. Lá, ele articula a relação entre os fins da análise e o fim da análise, perguntando-se se os tratamentos que não conseguem ser terminados, não seriam justamente aqueles onde a análise nunca pode começar.

Senti certo desapontamento, pois havia pensado justamente elaborar algo partindo dessa ideia. Onde o importante seria valorizar a suposição do início de análise como finalidade, verificando a relevância dos seus objetivos, sem exaltar o fim dela em si.

Mas, como Lacan nos orienta, tudo incide numa repetição e a partir da repetição identifica-se o Um.

E o meu Um como produção teórica? Lembrei novamente de Lacan destacando; “é preciso inventar para se fazer Um quarto nó”. Foi aí que optei pinçar da minha clínica, fragmentos que ilustrarão esse pacto de repetição com Fédida e com Outro e outros presentes ou ausentes neste recinto.

Encantada pelos recados da alma, que para mim “*aturdizem*” (o grifo é meu) como mensagens do inconsciente, aliás, do sujeito do inconsciente, fazendo semblante no real de cada sujeito, decidi investigar no espectro teórico alguns postulados por Lacan sobre análise terminável e interminável, tema proposto para o Simpósio de Intersecção Psicanalítica do Brasil em 2005.

¹ Simpósio de Recife/PE, 02 e 03 de setembro de 2005, *Análise Terminável e Interminável* e Jornada de Intersecção Psicanalítica do Brasil preparatória à Jornada 2006 da CER-CONVERGENCIA

² Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: rachelrangel@gmail.com.

Demonstrarei relatos clínicos na expectativa de esclarecer os cortes epistemológicos selecionados, fazendo minhas colocações e veiculações com pressupostos lacanianos e outros preclaros no assunto em pauta.

Lacan distinguiu três momentos que marcariam um final de análise. São eles:

1. A interpretação
2. A travessia do fantasma
3. A identificação

Em 1937 Freud escreveu o artigo: “Análise terminável e interminável”. Essa questão o preocupou durante todo percurso constitutivo da sua obra. Apontou três fatores decisivos para o sucesso ou fracasso do tratamento analítico:

1. A influência dos traumas.
2. A força constitucional das pulsões.
3. As alternativas do ego.

“Cada ego é dotado de disposição e tendências individuais” (FREUD).]

Dez anos antes, em 1927, Ferenczi já pronunciara uma instrutiva conferência sobre o problema de terminar ou não uma análise, destacando: “a análise não é um processo interminável, mas pode ser levada a um termo natural com suficiente habilidade e paciência por parte do analista”.

Ferenczi defende o seguinte ponto de vista. “O sucesso da análise depende muito do fato do analista ter aprendido o bastante de seus próprios erros e enganos”. Essa defesa faz-me lembrar dos posicionamentos de escolas cujos dispositivos se ocupam com a questão do passe, fazendo diferenças entre passadores e passantes, muito bem elaborada e publicada por José Zuberman, Mariel Weskamp, Isidoro Vegh, Rolando Karothy, Roberto Harari, dentre alguns, vetorizando então nesse sentido uma passagem por final de análise.

No entanto não pretendo deter-me à questão do passe, que sem dúvida implicaria numa discussão intensa sobre formação e provavelmente permitiria certa digressão do enfoque por mim eleito.

Recados da alma, mensagens do inconsciente implicados na possibilidade de análise.

O término de uma análise é questão de prática, diz Freud no capítulo de título, “Fatores do analista afetam a prognose” e completa o raciocínio afirmando: “o objeto da análise é assegurar as melhores condições psicológicas possíveis para as funções do ego: uma vez que conseguindo isso a tarefa está terminada”.

Dei continuidade aos perquirimentos e apreciei o livro de Colette Soler, “Finais de Análise”. A ênfase dada por ela se monta na prevalência do início de análise, articulando essa noção com o conceito de transferência e identificação, cujo entrecruzamento torna possível um processo de análise.

Respaldada pelos íncritos da psicanálise ousou provocar a seguinte analogia para refletir análise terminável e interminável: Finalidade X Finalização em justaposição à Real X Realidade.

Vejamos. Finalidade e finalização gozam de uma homofonia no que refere ao radical da palavra. São nomes que conservam o mesmo radical que se pluralizado resulta em fins. Entretanto, quando somado à desinência, assumem significação diferenciada. Portanto podemos diferenciar estas palavras, acatando inclusive a sugestão de Lacan, nos “Outros Escritos”, (*O Aturdito*), marcando uma diferença gramatical. Em Real e Realidade, idem. Portanto, justo coincide com o que Lacan nos trás sobre a significação. Sendo para ele a significação, gramatical e por ser gramatical ratifica prontamente uma segunda frase ou palavra, referindo-se à primeira, fazendo dela assim seu sujeito sob forma de Um particular.

Sabemos que a gramática é o estudo dos fatos da linguagem falada ou escrita e das leis que a regulam.

Aproveitando a referência que fiz, transcrevo escritos de Lacan do texto “O Aturdito” e posteriormente fundamentarei o exposto:

“Falaremos do fim de análise: O objeto (a), ao cair do furo da banda, projeta-se a posteriori no que chamaremos, num abuso imaginário, de furo central do toro, ou seja, naquele em torno do qual o transfinito ímpar da demanda resolve-se pela volta dupla da interpretação. Isto, portanto, é aquilo de que o psicanalista assume a função, ao situá-lo por seu semblante. O analisante só termina quando faz do objeto (a) o representante da representação de seu analista. Portanto, é enquanto dura o seu luto pelo objeto (a), ao qual ele enfim o reduziu que o analista continua a causar seu desejo – sobretudo maníaco-depressiva mente”. (LACAN, *Outros Escritos*).

Na psicanálise o que procede é o desenvolvimento de conteúdos de ordem inconsciente e portanto algo que remete ao real e não à realidade. Aproprio-me ainda das palavras de Lacan para justificar. “É pela lógica de esse discurso tocar no real, ao reencontrá-lo como impossível, donde é esse discurso (analítico) que o eleva à sua potência extrema: ciência, disse eu, do real”.

Denota-se aí um confronto entre o que é do real (o desejo, impossível, inacessível) e a realidade (o cotidiano, o acessível, e o possível). Faço então uma aproximação do real/fim, finalidade e realidade/fim, finalização.

Em seguida, apresento fragmentos clínicos, tentando explicitar o explanado.

Chamarei minha analisante de Maria:

*“Eu não consigo terminar nada na minha vida. Tenho me perguntado, tudo termina no juízo final? O juízo final está na rejeição, no medo de ser desaprovada. Quando cheguei aqui eu tinha muito medo de estar aqui no divã. Aqui eu não controlo nada e nada vai terminar. Eu fico sem acreditar numa **finalização**, nem numa **finalidade**. Fico angustiada. Angustia de morte. Lembro de hospital e lembro do meu pai. Mas ele não morreu”.*

Ao escutar essa fala, vieram-me a tona algumas pontuações em supervisão, onde o supervisor disse-me algo mais ou menos assim: “quem quiser aprender psicanálise consulte a bíblia”. E eu imbuída por esse comando fui ao *livro dos sábios*. Lá está, no sermão do evangelho de Mateus, sobre a vida eterna e a morte eterna: “no dia, uns estarão à direita e outros à esquerda”. Os que estarão à direita ouvirão de Jesus; vinde benditos de meu pai para o gozo eterno (**finalidade**) e os que estarão à esquerda, os que não acreditarão e esses ouvirão; afastai-vos de mim para tormento eterno, onde não haverá vida, há morte (**finalização**). Ambos eternos, por conseguinte, intermináveis. Começo a pensar quão difícil é falar desse tal de real, então retomo recados da alma na tentativa de **finalizar** este texto.

“Recados para minha alma”: diz Maria. “Ele representa uma lembrança real, que mexe com meu imaginário e o que ele simboliza para mim é a morte”.

“Mas foi preciso vir à luz a distinção entre o simbólico, o imaginário e o real para que a identificação não fosse confundida com a relação deles” (LACAN).

“E eu queria que ele morresse. O carrasco. Quando ele fez quarenta anos eu achava que ele ia morrer e tudo ia acabar. Quando eu fiz quarenta anos eu achava que quem ia morrer era eu. Foi horrível! Fiquei doente. Pensei que ia morrer. Não sei o que teria sido de mim se não tivesse fazendo análise. Mas eu vou falar dos recados da alma. Para mim os sonhos estão

vindo como recados para minha alma. Quando falo dos meus sonhos, sinto-me tirando a carapaça e ou a carapuça. Vejo essa imagem como algo que eu precisei. Sinto hoje tirando a carapaça, a armadura e eu to tirando a carapaça aos pouquinhos e estou deixando num cantinho, porque não posso expurgar da minha vida essas imagens, embora hoje não me sirvam mais. Eu precisava essas máscaras. Mas eu sei que para me livrar mesmo é preciso morrer. Eu não quero morrer. Nem meu pai que é carrasco não morreu ainda, eu não preciso morrer. Mas sem morrer não termina a angustia. Sabe como estou vendo essas carapaças e carapuças? Elas eram minhas proteções. Vejo de outra maneira. Deixo guardadinhas num cantinho, se precisar eu posso usá-las. Está vindo na minha cabeça a palavra sonho, sonhos. A única coisa que eu tinha na minha vida era a minha avó. Agora que eu começo a me encontrar eu lembro dela. É a única lembrança boa que eu tenho na vida. Agora estou entendendo porque eu passei tantos anos não querendo falar disso. Talvez eu quisesse ter isso guardadinho, como algo que recalquei e tive que viver a castração. Talvez um lado meu boicotasse a minha felicidade, as minhas ideias. Agora quando eu lembro da minha avó... começo... a saber... o que não está me servindo”.

Alguns minutos de silêncio. De súbito, continua:

“Sonhos, meus sonhos. Sempre tenho sonhado nas noites anteriores as minhas sessões de análise. Estranho não acha? É como se viessem mensagens da minha mente para trazer para minha análise, como recados para minha alma”.

Maria falava sem pausa, quase ofegante:

“A morte foi naquele momento. Morreu no último dia que eu falei com ela. A morte física vem depois, mas para mim ela morreu no último momento que podíamos sentir. Depois da morte ela apagou-se da minha mente. Apagaram-se até as culpas. Um ano que eu faço análise e nunca falei da minha avó, ela estava enterrada viva e o carrasco está vivo fazendo maldades”.

Era uma segunda-feira. Disse-lhe: sua sessão de hoje está finalizada, continuaremos na próxima quinta-feira.

“Assim o corte, o corte instaurado pela topologia, é o dito da linguagem, porém não mais esquecendo seu dizer” [...]. É isso que acrescenta uma diz-mensão à topologia de nossa prática do dizer. (LACAN).

Ao chegar à sessão seguinte, de pronto Maria questiona:

“Por que você finalizou a última sessão logo quando eu comecei a falar da minha avó? Eu lhe disse há um ano eu estava aqui e só agora conseguira contar sobre meus sonhos. Na sessão passada eu ia contar um sonho e hoje esqueci.”

“*Que se diga esquecido por trás do que se diz em o que se ouve*”. Lacan

Maria finaliza seu dizer: “*Não faz mal, agora pelo menos descobri que a análise tem a finalidade de trazer para mim os recados da alma*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FÉDIDA, Pierre. *Clínica Psicanalítica*. Escuta, 1988.

FREUD, Sigmund. *Análise Terminável e Interminável in Obras Completas, Vol. XI. Imago*.

HARARI, Roberto. *O que Acontece no Ato Analítico*. Companhia de Freud, 2001.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *Outros Escritos*. Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. *Seminário XXIII. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar Editor, 1988.

SOLER, Colette. *Finales de Analisis*. Los Ensayos. Manantial, 2002.

VEGH, Isidoro, *Os discursos e a cura*. Companhia de Freud, 2001.

ZUBERMAN, Josè. *Los Grandes Historiales del Psicoanálisis*. Ediciones Magna Publicaciones, 2003.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.